



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ÂNGELA CRISTINA DE SOUZA**

**IMPLICAÇÕES DA DISLEXIA PARA O TRABALHO DO PROFESSOR E PARA A**  
**APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

Orientador: Prof. Dr. Fabio do Nascimento Fonseca

João Pessoa – PB

2014

**ÂNGELA CRISTINA DE SOUZA**

**IMPLICAÇÕES DA DISLEXIA PARA O TRABALHO DO PROFESSOR E PARA A  
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como requisito ao título de graduação  
em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba  
– UFPB, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Fabio do  
Nascimento Fonseca.

João Pessoa – PB  
Agosto/2014

S729i Souza, Ângela Cristina de.

Implicações da dislexia para o trabalho do professor e para a aprendizagem dos alunos / Ângela Cristina de Souza. – João Pessoa: UFPB, 2014.

46 fls.

Orientador: Fabio do Nascimento Fonseca  
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Dislexia. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 616.89-008.434.5(043.2)

**ÂNGELA CRISTINA DE SOUZA**

**IMPLICAÇÕES DA DISLEXIA PARA O TRABALHO DO PROFESSOR E PARA A  
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como requisito ao título de graduação  
em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba  
– UFPB, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Fabio do  
Nascimento Fonseca.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dr. Marilene Salgueiro  
Membro

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Tatiana de Medeiros Sousa  
Membro

João Pessoa – PB  
Agosto/2014

“Nós, educadores, precisamos ter clareza do que é “aprender a aprender” para entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós, educadores, não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós, precisamos dominar outros saberes na nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender”. (Moacir Gadotti)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado graça e por estar sempre ao meu lado me protegendo e renovando minhas forças.

Aos meus pais familiares pelas palavras de estímulo, carinho, compreensão e apoio em todos os momentos de minha vida.

Ao Prof<sup>o</sup> Fabio Fonseca pela compreensão, dedicação e orientação nos momentos de orientação do referido Trabalho de Conclusão de Curso.

A todos os professores que cruzaram meus caminhos acadêmicos e tão sabiamente me conduziram ao final de mais uma etapa.

Aos amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste tão almejado momento.

## DEDICATÓRIA

Ninguém aprende sozinho, nem caminha sozinho. Este T.C.C. resulta da necessidade de construção de uma educação melhor, onde todos sejam capazes de aprender, e que suas dificuldades, seja ela qual for, seja vista apenas como um obstáculo a ser vencido.

Aos meus pais que serviram como base e incentivo, que me guiaram e me mostraram o caminho certo a seguir. Pais estes, que certamente estão felizes e realizados quanto a mim.

Aos amigos conquistados durante esta longa caminhada acadêmica.

Dedico a todos os professores que tão sábia e pacientemente me auxiliou e são co-responsáveis por tornar – me o que hoje sou.

Ao Prof<sup>o</sup> Fábio Fonseca, meu orientador, que tanto contribuiu na minha formação acadêmica e também em minha formação pessoal e profissional.

Ao meu amado esposo e filha que quando pensei em desistir, ajudou-me com palavras de conforto e de carinho.

E sobre tudo, agradeço a Deus, maior responsável pela minha existência e por ter chegado até aqui e ter enviado todas estas pessoas em minha vida como anjos para que me ajudassem e chegasse ao topo como uma verdadeira campeã.

## RESUMO

A dislexia é uma deficiência de aprendizagem que afeta crianças em todos os níveis educacionais, dificultando a leitura e escrita e conseqüentemente a sua compreensão, portanto torna-se importante saber o que é dislexia, onde ocorre, quais são suas características, conseqüências e quais maneiras para facilitar o aprendizado e alfabetização de crianças dislexias, também saber dos professores o que sabem sobre a mesma, já que são educadores e fazem parte da alfabetização de cada aluno. Para atingir estas informações foi realizada uma pesquisa bibliográfica e um questionário qualitativo aos professores do nível fundamental de 1º ao 5ª ano de uma Escola Municipal de João Pessoa buscando mais informações mais aprofundadas sobre este assunto e sua participação ativa na possibilidade de oferecer uma educação de qualidade e digna para o aluno disléxico.

**Palavras – Chaves:** dislexia, leitura, escrita, professores.

## **ABSTRACT**

**Dyslexia is a learning disability that affects children at all educational levels, making it difficult to read and write and therefore their understanding, so it is important to know what dyslexia is, where is, what are its characteristics, consequences and what ways to facilitate learning and literacy dyslexia children also learn of the teachers who know about the same as they are educators and are part of each student literacy. To achieve this information was carried out a literature search and a qualitative questionnaire to teachers of elementary level 1st to 5th year of a Municipal School of João Pessoa seeking more in-depth information on this subject and their active participation in the ability to offer quality education and worthy for the dyslexic student.**

**Key - words: dyslexia, reading, writing, teachers.**

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> – Nível de conhecimento dos professores pesquisados sobre a dislexia .....	32
<b>Gráfico 02</b> – Como os professores definem a dislexia.....	32
<b>Gráfico 03</b> – Experiência dos professores com alunos disléxico .....	33
<b>Gráfico 04</b> – Em alguma das salas que trabalha possui aluno disléxico? .....	34
<b>Gráfico 05</b> – Participação de cursos específicos sobre dislexia .....	35
<b>Gráfico 06</b> – Dislexia: Psicológico ou Biológico .....	36
<b>Gráfico 07</b> – Formação Educacional.....	37
<b>Gráfico 08</b> – Recursos materiais e estruturais presentes na escola.....	38
<b>Gráfico 09</b> – Seu cargo na escola.....	39
<b>Gráfico 10</b> – Qual seu tempo de docência?.....	39
<b>Gráfico 11</b> – Em que categoria você se encaixa? .....	40

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> – Respostas a questão 13.....	38
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1. Apresentação do tema, sua problemática e justificativa .....	12
1.2. Objetivos .....	13
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1. Dislexia: Revisão histórica.....	14
2.2. Compreendendo a dislexia .....	15
2.3. Os sintomas e diagnósticos .....	17
2.4. Tipos de dislexia.....	20
2.5. A escola e o disléxico .....	21
2.6. Implicações da dislexia para o trabalho do professor.....	24
2.6.1. O papel do professor .....	24
2.6.2. Atitude dos professores face a alunos disléxicos .....	26
2.6.3. Contribuições do professor para superação da dislexia .....	27
<b>3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>30</b>
3.1. Procedimentos Metodológicos .....	30
3.2. A escola enquanto campo de ação da pesquisa .....	30
3.3. Análises dos dados .....	31
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação do tema, sua problemática e justificativa

A questão que envolve o presente estudo nasceu de inquietações surgidas a partir da minha experiência profissional. Durante alguns anos exercendo o magistério, vivenciei inúmeras situações em que se apresentaram casos de deficiência de aprendizado entre meus alunos. Ao mesmo tempo, também durante todos os semestres como aluna do curso de Pedagogia, tive a oportunidade de estudar alguns teóricos importantes que discutem questões relacionadas às deficiências de aprendizagem que encontramos em sala de aula, especialmente em relação aos fatores que contribuem para a ocorrência desta problemática. Até então, ainda não tinha um conhecimento bem fundamentado acerca da dislexia. Entretanto, após uma conversa simples com colegas de profissão que estavam para defender seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema em questão, a dislexia passou a me chamar particularmente a atenção, pois, até aquela oportunidade, ainda não havia me debruçado sobre os significados e a relevância desta problemática no trabalho do professor em sala de aula. Como educadora, busquei, a partir de então, fundamentar minhas leituras acerca da dislexia para conhecer melhor as questões que envolve e também para compreender suas implicações na aprendizagem do aluno e no trabalho do professor. Descobri, então, que a dislexia é um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita ou cálculo. É um transtorno de maior incidência nas salas de aula, especialmente nas séries iniciais do ensino fundamental, a partir da alfabetização.

Em face das leituras desenvolvidas, passei a compreender que a dislexia não é resultado de uma má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela tem sido vista, segundo alguns autores que apresentaremos em nossa fundamentação teórica, como uma condição hereditária, devido a alterações genéticas, mas tal só acontece numa pequena percentagem de casos. Ela também tem sido caracterizada, na literatura a respeito, a partir da apresentação de alterações no padrão neurológico.

A partir dos elementos e questões suscitados nas leituras, bem como a as lembranças dos registros trazidos pela experiência em sala de aula, passei, então, a me indagar a respeito, levantado questões que me pareciam problemáticas e que mereceriam estudo: como os professores de escolas públicas estão lidando com alunos que apresentam este transtorno? Eles conhecem bem a dislexia? Que recursos eles estão utilizando para desenvolver um aprendizado satisfatório nas crianças que apresentam esta deficiência de aprendizagem?

Estas questões constituíram a base a partir das quais procurei desenvolver este estudo, buscando respostas que contribuam para a melhoria do trabalho pedagógico dos professores no trato com estas questões, tornando possível uma aprendizagem de qualidade para os alunos que apresentam este tipo de deficiência ou transtorno. Foi, portanto, nesta direção que este trabalho buscou alcançar os objetivos apresentados abaixo.

## **1.2. Objetivos**

### **OBJETIVO GERAL:**

- Analisar as implicações da dislexia para o trabalho do professor e para a aprendizagem dos alunos.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Investigar como os professores de escola pública Municipal Anita Trigueiro do Valle está lidando com alunos que apresentam esta deficiência.
- Identificar o conhecimento dos professores acerca deste transtorno.
- Levantar os recursos que estes professores estão utilizando para desenvolver um aprendizado satisfatório nas crianças que apresentam deficiências de aprendizado.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Dislexia: Revisão histórica

Falar sobre a dislexia é, sem dúvida uma tarefa bastante complexa, pois ao longo do recente e ágil desenvolvimento da tecnologia, das ciências biológicas e da compreensão das questões referentes ao processo de ensino-aprendizagem, o entendimento e as descobertas diante do tema estiveram em constantes e progressivas transformações (Cf. AZEVEDO, 2010).

O primeiro trabalho sobre dislexia foi citado em 1872, por Reinhold Berlin, seguido por James Kerr em 1897. James Hinshelwood, em 1917, publicou uma monografia sobre “Cegueira Verbal Congênita”, para suscitar discussões sobre esse fenômeno ainda desconhecido, que encontrara pacientes com inteligência normal e com dificuldade para aprender a ler e escrever.

No início do século XX, conforme Kapes *et all* (2006), os psicólogos e educadores deram pouca importância aos transtornos específicos da linguagem, se concentravam apenas no aspecto pedagógico do problema. A partir de 1925 quando uma pesquisa apontou um número significativo de pessoas que não conseguiam ler, escrever e soletrar com a eficácia e a agilidade esperada diante dos recursos e das possibilidades oferecidas, vários autores de diferentes áreas do conhecimento, principalmente, da medicina e da biologia, começaram a estudar e a descrever este transtorno. Foi ainda neste período que a participação dos oftalmologistas americanos, ajudaram a identificar esta dificuldade, alegando que: “Não são os olhos que leem, mas o cérebro”. Entretanto o problema dos disléxicos não se tratava de desvios referentes à visão.

No Brasil foi criada, no ano 1983, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a qual, de acordo com Torquato (2011, p. 15) tem como objetivo “esclarecer, divulgar, ampliar conhecimentos e ajudar os disléxicos em sua dificuldade específica de linguagem”. Com a antiga *Orton Dyslexia Association* (atual *International Dyslexia Association – IDA*) realizando as mais avançadas pesquisas na área dos distúrbios de aprendizagem, a ABD estreitou as relações com a entidade norte-americana. Em 1994, a ABD, trabalhando diretamente com Dr. Galaburda, realizou uma pesquisa sobre a diferença dos lobos temporais direito e esquerdo. Essa pesquisa não só veio confirmar a teoria do Dr. Galaburda de que os disléxicos, em sua grande maioria, apresentam o volume do lobo temporal direito mais aumentado, mas ainda inusitadamente veio confirmar outra hipótese: o fator hereditariedade em famílias de disléxicos.

Atualmente, de acordo com informações do site da ABD, a instituição se coloca no Brasil, como ponto de apoio às famílias e disléxicos. Seu público é constituído de disléxicos de todas as idades, familiares, professores, profissionais da área educacional e clínica, que podem

contar com orientação direcionada, diagnósticos e encaminhamentos, cursos profissionais, oficinas, palestras e simpósios internacionais.

## 2.2. Compreendendo a dislexia

São vários os tipos de transtornos de aprendizagem, ora apresentado no interior de nossas instituições; e a dislexia é apenas uma delas. O que observa a respeito desta dificuldade e que, embora seja considerada uma palavra que soe familiar por muitos, tem sido bastante confusa em relação às outras dificuldades de aprendizagem, a respeito do seu significado e suas características específicas.

Assim nos conceitua Frank (2003, p. 04):

Aprofundado um pouco mais, dislexia é um problema neurológico relacionado à linguagem e à leitura; as habilidades de escrita de palavras e de textos, de audição, de fala e de memória também podem sofrer impactos.

Segundo ao autor citado, este transtorno se relaciona especificamente ao processo que envolve a linguagem e também a leitura. Uma das características importantes a ser destacada a esse respeito diz respeito ao fato de que as crianças com dislexia ou mesmo suspeitas podem apresentar dificuldades no processo de linguagem; porém, cabe-nos observar que isso nem sempre significa que todas as crianças irão apresentar, da mesma, forma de barreiras no processo de alfabetização, porém, varia muito de uma criança para outra.

O termo Dislexia provem da junção de duas palavras estrangeiras, onde “dis” (latina) quer dizer dificuldade e “lexia” (grega) significa palavras. Portanto, dificuldade de ler palavras. Segundo Porto (2009), a dislexia é uma dificuldade específica de aprendizado da linguagem em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva. Não é considerada doença, mas sim um funcionamento peculiar do cérebro para processar a linguagem. Não tem de curar, mas pode ter seus sintomas amenizados.

Para Castro e Gomes, “o sucesso ou insucesso acadêmico é em larga medida dependente da proficiência da linguagem. Por sua vez o sucesso acadêmico da criança pode ter consequências que se prolongam na sua vida futura.” (CASTRO e GOMES, 2000)

De acordo com SHAYWITZ (2006) dislexia não é doença, mas sim um transtorno ou deficiência que afeta grande parte da população. Ou seja, são pessoas inteligentes, mas que precisam de um tempo maior para a aprendizagem em relação ao não-disléxico.

A definição mais utilizada, segundo a ABD é a de 1994 da International Dyslexia Association (IDA):

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de origem constitucional caracterizado por uma dificuldade na decodificação de palavras simples que, como regra, mostra uma insuficiência no processamento fonológico. Essas dificuldades não são esperadas com relação à idade e a outras dificuldades acadêmicas cognitivas; não é um resultado de distúrbios de desenvolvimento geral nem sensorial. A dislexia se manifesta por várias dificuldades em diferentes formas de linguagem frequentemente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e soletração (Cf. ABD, 2012).

Em 2003, de acordo com Kapes *et all* (2006), o *Annals of Dyslexia*, elaborado pela IDA, propôs uma nova definição:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária (apud KAPES ET all, 2006).

Ainda segundo os autores acima mencionados, esta definição contou com a participação de vários profissionais, entre eles: Susan Brady, Hugh Catts, Emerson Dickman, Guinenere Éden, Jack Fletcher, Jeffrey Gilger, Robin Moris, Harley Tomey e Thomas Viall.

Entretanto, podemos entender que a dislexia é um transtorno na leitura que se caracteriza por dificuldades na relação entre os símbolos gráficos e os fonemas, que caracterizam a dificuldade na aprendizagem da decodificação das palavras, na leitura precisa e afluenta e na fala. Este transtorno é uma específica dificuldade no aprendizado da linguagem: em leitura, escrita, soletração, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão de cálculos matemáticos, como também na linguagem social e corporal. Portanto, este é uma deficiência que poderá atingir qualquer pessoa, ou seja, etnia, ou mesmo qualquer classe socioeconômica e de ambos os sexos.

De acordo com Frank (2003, p. 07) confirma-nos que:

Não há meios de predizer se determinada criança vai ter dislexia. Contudo, se alguém na sua família tiver dislexia, seu filho terá maiores chances de vir a manifesta-lo do que uma criança que não apresente essa condição. Pode haver uma ligação genética na família, mas um pai com dislexia não vai necessariamente ter um filho com dislexia.

Os disléxicos apresentam inteligência normal, e por apresentarem dificuldades na leitura e na escrita, por mais que tentem e se esforcem em ler, faz uma leitura aproximada, mais cheia de erros. Por a leitura ser fundamental para as demais habilidades escolares, o aluno não a dominando não conseguirá progresso escolar, sendo acusado de desinteressado e preguiçoso.

### **2.3. Os sintomas e diagnósticos**

Crianças com dificuldade de aprendizagem na escola podem ser vistas por pais e professores como desinteressadas e desleixadas, refletindo um mal resultado nos boletins escolares. A condição afeta cerca de 5% da população brasileira, segundo o Instituto ABD, organização social voltada a jovens com dislexia e outros problemas de aprendizagem.

Conforme nos conceitua Davis (2004, p. 145):

Todos os sintomas da dislexia são sintomas de desorientações. A dislexia em si não pode ser reconhecida definitivamente, mas a desorientação sim. Os princípios sentidos que ficam distorcidos são a visão, a audição, o equilíbrio, o movimento e a noção do tempo. Exemplos comuns: náuseas, ouvir coisas, etc.

São vários os indícios apontados nos estudos como sintomas inerentes da dislexia. Infelizmente, observa-se que as crianças não conseguem superar por si só tais problemas, que se acentuam na área da leitura e escrita. É necessário que haja intervenção da equipe de profissionais especializados, atuando durante o período de sua escolarização para que o mais cedo possível possa ser diagnosticado e iniciado esse atendimento necessário, com menos complicações tanto no âmbito escolar, quanto no emocional e também social.

Para Ianhez (2002) estes sintomas de dislexia considerados mais evidentes durante toda carreira pedagógica da criança:

- a. Omissão, inversão ou confusão de fonemas;
- b. Baixo nível de compreensão da linguagem;
- c. Lentidão motora e atraso na aquisição de conhecimento do esquema corporal, orientação e sequenciação;
- d. Confusão entre letras;
- e. Escrita muito irregular;
- f. Distúrbio do sono;
- g. Sensibilidade a alergias e à infecções;
- h. Tendência a hipo-atividade motora;

- i. Chora muito e parece inquieto;
- j. Dificuldade no manuseio de dicionários e mapas;
- k. Dificuldade de copiar do quadro ou mesmo dos livros;
- l. Entender o tempo presente, passado e futuro;
- m. Não utilização de sinais de pontuação gramaticais;
- n. Substituições de letras.

Várias dessas características das crianças com dislexia podem ser observadas no dia a dia escolar. Todavia, é importante saber diferenciá-las de outros problemas de aprendizagem, para que o encaminhamento da criança para diagnósticos e a orientação aos pais seja a mais correta possível.

Em matéria publicada na Revista Veja (2013), afirma-se não haver cura para a dislexia, uma vez que esta se manifesta por herança genética e não se relaciona com distúrbios psicológicos. O tratamento, de acordo com a referida matéria, deve ser feito com fonoaudiólogos, psicólogos e psicopedagogos, costuma garantir uma vida normal aos portadores do transtorno. “A leitura e a escrita vão exigir esforço constante, mas a criança pode seguir sua vida escolar sem problemas”, afirma, na matéria mencionada, a especialista Carolina Piza, pesquisadora e neuropsicóloga do Núcleo de Atendimento Infantil Interdisciplinar da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Em suma, segundo a citada pesquisadora, “o desenvolvimento intelectual e a capacidade de comunicação não são afetados” (Cf. VEJA, 2013).

A neuropsicóloga explica ainda, na matéria acima referida, que o diagnóstico de uma criança disléxica pode ser feito apenas a partir da alfabetização, quando um professor percebe que a evolução do aluno está abaixo do esperado. Mesmo assim, é necessário que a criança seja submetida à análise de professores, psicólogos e fonoaudiólogos para diferenciar se ela tem dificuldades pontuais ou é disléxica (Cf. VEJA, 2013).

Na mesma matéria, Carolina Piza destaca sete sinais que uma criança dislexia pode apresentar. São elas:

1. Leitura lenta e pouco fluente: Crianças com dislexia costumam demorar mais para ler do que aquelas sem o distúrbio. Isso porque elas têm dificuldade em identificar palavras e associá-las a seus sentidos. Sua leitura em voz alta costuma ser menos fluente do que a das outras crianças da mesma idade escolar.
2. Erros ortográficos: A dislexia prejudica a consciência fonográfica, isto é, a habilidade de discriminar sons parecidos. Por isso, letras com pronúncias semelhantes, como V e F ou B e D, costumam ser trocadas na escrita, ocasionando erros ortográficos. Crianças

disléticas também têm dificuldade de memorizar regras de ortografia e até de juntar duas letras para formar uma sílaba simples.

3. Demora na construção de frases: Pela dificuldade de formar palavras e atribuir significados a elas, os portadores do distúrbio costumam apresentar lentidão para construir frases. Muitas vezes, as sentenças têm sentido, mas são gramaticalmente incorretas, como "eu era com sono".
4. Dificuldade em seguir ordens longas: A memória operacional é conhecida popularmente como memória de curto prazo. É ela que acessamos ao anotar um número de telefone antes de esquecê-lo ou ao realizar operações matemáticas. A dislexia afeta essa memória. Por isso, ordens longas – como abrir um determinado livro em uma determinada página e fazer um determinado exercício – são um desafio para os disléticos.
5. Escrita espelhada: Escrever palavras de trás para frente, como se o texto tivesse sido colocado diante de um espelho, pode ser um sinal do distúrbio. A escrita espelhada decorre da dificuldade na formação de palavras e no aprendizado do alfabeto, presente nos disléticos em idade escolar.
6. Falta de concentração: Disléticos podem ter problemas de se concentrar em atividades que exijam atenção, como quebra-cabeças e jogos dos sete erros. O déficit de atenção se manifesta também na escola, durante as aulas.
7. Dificuldade com noções de tempo e espaço: Crianças disléticas demoram mais do que as outras para adquirir noções temporais e espaciais, assim como a dominância de lados e os conceitos de direita e esquerda. Elas podem confundir “ontem e hoje” ou “acima e abaixo” (Cf. VEJA, 2013).

Segundo a ABD – Associação Brasileira de Dislexia, o diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar. Não somente para se obter o diagnóstico de dislexia, mas para se determinarem, ou eliminarem, fatores coexistentes de importância para o tratamento. A criança deve então ser avaliada por um psicólogo, um fonoaudiólogo, um psicopedagogo e um neurologista. O diagnóstico deve ser significativo para os pais e educadores, assim como para a criança. Simplesmente encontrar um rótulo não deve ser o objetivo da avaliação, mas tentar estabelecer um prognóstico e encontrar elementos significativos para o programa de reeducação.

Portanto é de grande importância que sejam obtidas informações sobre o potencial da criança, bem como sobre suas características psiconeurológicas, seu desempenho e o repertório

já adquirido. Informações sobre métodos de ensino pelos quais a criança foi submetida também são de grande significação (Cf. ABD, 2012).

## 2.4 Tipos de dislexia

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), são muitos os estudos sobre a dislexia e suas classificações e como o passar dos anos são feitas novas pesquisas e novas descobertas. Segundo a ABD, Ingram (1970), por exemplo realizou uma pesquisa com crianças com dificuldades de aprendizagem e dividiu-as em dois grupos: Específicos – cuja dificuldade estava limitada à leitura-escrita e Gerais – com outras dificuldades, como matemática (discalculia) (Cf. ABD, 2012).

De acordo com Bannatyne (1966), ele descreve dois tipos de dislexia: Dislexia Genética e Dislexia por Disfunção Neurológica Mínima. Ele caracteriza o dislético genético, como tendo dificuldades em discriminação auditiva, sequenciação auditiva e associação do fonema-grafema. Já o dislético com disfunções mínimas, teria dificuldades viso-espaciais, cenestésico-motoras, táteis e de conceitos (Cf. ABD, 2012).

Em 1971, Elena Boorder e Micklebust, classificaram vários grupos:

- **Dislexia Disfonética** que evidencia várias dificuldades, sendo elas: dificuldade auditiva, dificuldade de análise e síntese, dificuldade de discriminação, dificuldades temporais (em perceber sucessão e duração). E seus sintomas mais comuns: trocas de fonemas e grafemas diferentes; alterações grosseiras na ordem das letras e sílabas; omissões e acréscimos; maior dificuldade com a escrita do que com a leitura; substituições de palavras por sinônimos, ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes (reconhece-as globalmente).
- **Dislexia Diseidética** apresenta dificuldades visuais, na análise e síntese e dificuldades espaciais (percepção das direções, localizações, relações e distâncias). Sintomas mais comuns: leitura silabada, sem conseguir a síntese; fragmentação; troca por equivalentes fonéticos; maior dificuldade para a leitura do que a escrita.
- **Dislexia Visual** demonstra uma deficiência na percepção visual. Sintomas: dificuldade na percepção viso-motora; dificuldade na habilidade visual (não visualiza cognitivamente o fonema).

- **Dislexia Auditiva** deficiência na percepção auditiva. Com sintomas de: deficiente memória auditiva; deficiente discriminação auditiva (não audibiliza cognitivamente o fonema) (Cf. ABD, 2012).

## 2.5 A escola e o disléxico

A escola é o ambiente que garante a alfabetização das crianças para serem pessoas bem-sucedidas profissionalmente, e para que isso aconteça é preciso um olhar atento e humano do docente na vida de cada criança. É a partir deste que os pais poderão descobrir se seu filho precisará ou não de uma intervenção pedagógica mais precisa. Mas, para isto, é necessária a escola seja democrática e esteja informada dos tipos de dificuldades de aprendizagem que existem, como, por exemplo, a dislexia, que se não for diagnosticada o quanto antes poderá acarretar uma série de desconfortos para a vida não só escolar, mas também particular destas crianças, afetando diretamente o emocional, deixando-as crentes que são pessoas incapazes ou diferentes de todos os que as conhecem, se sentindo pessoas “burras”. Para a ABD,

É na escola que a dislexia, de fato, aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas. Entretanto, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico. Objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia não sobrevivem à escola e são por ela desprezados. E os que conseguem resistir a ela e diplomar-se o fazem, artificiosa e corajosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas (ABD, 2014).

Muitas são as leis que protegem as crianças em seus direitos mais básicos como A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a Lei 8069/90, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e próprio Código Civil de 2002. Mesmo assim muitas crianças com dislexia e suas famílias sofrem com descaso e a falta de infraestrutura nos estabelecimentos onde passam boa parte do tempo. É necessário que a família faça valer as leis, junto à escola e às instituições de saúde para proporcionar um melhor tratamento aos seus filhos.

Em relação à escola, pais e alunos devem estar atentos à Lei 8.069, de 13 de junho de 1990, em seu artigo 53, incisos I, II e III, visto que anuncia que a criança e o adolescente têm direito a educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, ao preparo para seu exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho assegurando-lhes:

**I** – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola

**II** – Direito de ser respeitado pelos educadores;

**III** – Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores.

O parecer CNE/CEB nº 17-2001, que trata das Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, inclui a criança com dislexia no quadro de pessoas que necessitam de educação especial no ambiente escolar quando declara que:

O quadro de dificuldade de aprendizagem absorve uma diversidade de necessidades educacionais, destacadamente aquelas associadas a: dificuldades específicas de aprendizagem, como a dislexia e disfunções correlatas; problemas de atenção, perceptivos, emocionais, de memória, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotores, motores, de comportamento; e ainda fatores ecológicos e socioeconômicos, como as privações de caráter sociocultural e nutricional. (...) desta forma a educação especial – agora concebida como um conjunto de conhecimentos, tecnologias, recursos humanos e materiais didáticos que devem atuar na relação pedagógica para assegurar resposta educativa de qualidade às necessidades educacionais especiais – continuará atendendo com ênfase, os grupos citados inicialmente. Entretanto, em consonância com a nova abordagem, deverá vincular suas ações cada vez mais a qualidade da relação pedagógica e não apenas um público alvo delimitado, de modo que a atenção especial se faça presente para todos os educandos que, em qualquer etapa ou modalidade da educação básica, dela necessitem para seu sucesso escolar.

É ainda possível observar no Plano Nacional de Educação, Lei de número 10.172, de 9 de janeiro de 2001 em seu Capítulo 8, que a criança disléxica tem o direito de estudar em qualquer escola regular conforme o que se diz abaixo:

A educação especial se destina a pessoas com necessidades especiais no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, quer de características como altas habilidades, superdotação ou talentos. A integração destas pessoas no ensino regular é uma diretriz constitucional (art.208,III), fazendo parte da política governamental há pelo menos uma década. Mas apesar desse relativo longo período, tal diretriz ainda não produziu a mudança necessária na realidade escolar, de sorte que todas as crianças, jovens e adultos com necessidades especiais sejam atendidas em escolas regulares, sempre que for recomendado pela avaliação de suas condições pessoais. Uma política explícita e vigorosa de acesso à educação, de responsabilidade da União, dos Estados e Distritos Federais e dos Municípios, é uma condição para que às pessoas especiais sejam assegurados seus direitos à educação.

A Lei 9.394/96 (LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nos propõe em seus artigos transcritos abaixo, as seguintes incumbências à escola:

Art.12 – Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas mais comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I- Elaborar e executar sua Proposta Pedagógica;
- II- Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.

Art.13 – A educação incumbir-se-ão de:

- III- Zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV- Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento

Art. 23 – A educação básica poderá organizar-se anuais, períodos, semestrais, ciclos, alternância regular de período de estudo, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Art. 24 – V, a) avaliação contínua e cumulativa; prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período.

A organização do sistema educacional, orientada nos princípios de inclusão, possibilita quebrar o ciclo de exclusão, desafiar os preconceitos, dar visibilidade as diferenças e oportunidades para que essas crianças construam o seu próprio futuro. Desse modo,

A escola regular de qualquer nível ou modalidade de ensino, ao viabilizar a inclusão de alunos com necessidades especiais, deverá promover a organização de classes comuns e de serviços de apoio pedagógico especializado. Extraordinariamente, poderá promover a organização de classes especiais, para atendimento em caráter transitório. (BRASIL, 2001, p. 46)

Para isso, é necessárias mudanças nas práticas pedagógicas, no currículo e no rompimento com atitudes discriminatórias que têm impedido o acesso de determinados alunos às classes comuns de ensino. A escola é a primeira inserção da criança na sociedade. Na escola, a criança vai encontrar “outros semelhantes” agrupados, geralmente pela faixa etária. Este grupo terá um ou mais professores, que dirigem o trabalho pedagógico, sugerindo atividades, propondo materiais a serem utilizados, transmitindo conteúdos que pareçam compatíveis à idade de cada criança. Os alunos disléxicos buscam na escola a possibilidade de crescimento e de apropriação do conhecimento, das habilidades e das competências que os torne autônomos e independentes.

Daí a necessidade de uma adequação curricular ao sucesso escolar desses alunos, como propõe documento do MEC (BRASIL, 2003). Mas, antes disso, de acordo com o citado documento, é necessário ao professor, à coordenação e direção da escola conhecerem o que é dislexia e como ela afeta o aluno. Mesmo porque, a aprendizagem escolar está diretamente vinculada ao currículo, organizado para orientar, dentre outros, os diversos níveis de ensino e as ações docentes. Nessa concepção, o currículo é construído a partir do projeto pedagógico da escola e viabiliza a operacionalização, orientando as atividades educativas, as formas de executá-las e definindo suas finalidades. Assim, pode ser visto como um guia sugerido sobre o que, quando e como ensinar; o que, como e quando avaliar (Cf. BRASIL, 2003).

A concepção de currículo, de acordo com o proposto, deve incluir, portanto, desde os aspectos básicos que envolvem os fundamentos filosóficos e sociopolíticos da educação até o marco teórico e referencial técnico e tecnológico que a concretizam na sala de aula. Relacionam princípios e operacionalização, teoria e prática, planejamento e ação. A escola para todos requer

uma dinamicidade curricular que permita ajustar o fazer pedagógico às necessidades dos alunos. Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. (Cf. BRASIL, 2003).

Ainda na perspectiva apontada acima, para atender ao aluno disléxico, ou qualquer outro aluno que tenha necessidades educativas especiais, o currículo deve estar adequado às necessidades, capacidades e diferenças individuais dos alunos; essa adequação flexibiliza a prática educacional para proporcionar o progresso e desenvolvimento de todos os alunos. Portanto, diante das necessidades específicas dos alunos disléxicos, há a necessidade de adequação tanto na metodologia de ensino como nas estratégias de avaliação Cf. BRASIL, 2003.

O trabalho da escola deve ser continuado. O professor sozinho não é o único responsável por trabalhar e lidar com a questão da dislexia. Em muitas ocasiões, decisões sobre avaliações, sobre comportamentos, sobre normas de um modo geral não são elaboradas por professores, mas por coordenadores, diretores ou outras pessoas ligadas ao ambiente escolar. A escola, o contexto institucional onde se desenvolve a ação educativa, deve ter políticas de integração e de igualdade de oportunidade, fazendo com que todos seus constituintes estejam em busca desse objetivo em comum.

## **2.6 Implicações da dislexia para o trabalho do professor**

### **2.6.1 O papel do professor**

O professor tem um papel variado e complexo, mas por outro lado muito motivador. Pretende-se que o professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e eficaz. O seu papel não é exclusivamente ensinar (transmitir conhecimentos, inculcar métodos, instrumentos de trabalho), mas também educar e inculcar-lhes alguns valores fundamentais como, por exemplo, a compreensão, o respeito pelo outro, a ajuda, a responsabilidade, desenvolver o espírito crítico, a reflexão, a criatividade e a curiosidade em termos de aprendizagem. O ensino proporcionado pelo professor deve ser motivador, um ensino que permita a construção da aprendizagem dos alunos e que transforme o saber em saber fazer. Segundo Rodrigues e Silveira

O papel do educador é despertar no aluno o interesse pelo saber, se isso não acontece este aluno não desenvolve sua criatividade e capacidade para contribuir sua própria história de vida, por isso é importante que o professor conheça o universo cultural de cada cultura. (RODRIGUES; SILVEIRA, 2008, p 05).

O seu papel é de grande responsabilidade e o processo educativo exige uma profunda reflexão e uma grande disponibilidade, para poder apoiar os alunos, em particular os alunos com necessidades educativas especiais. O professor precisa conhecer os seus alunos para ter em conta as histórias de vida de cada um e, desta maneira, estar mais próximo deles e criar aulas enriquecedoras. É urgente regressar ao trabalho, ao esforço, construindo projetos estimulantes, enriquecedores, adequados às experiências de vidas e que permitam uma aprendizagem significativa dos alunos. Para isso, o professor necessita de estar em constante atualização acerca dos conhecimentos.

O professor enquanto responsável pelo ensino da leitura e da escrita é ele, geralmente, a primeira pessoa a confrontar-se com as dificuldades observadas em crianças com dislexia. Por este motivo, o seu papel é crucial na detecção destas dificuldades, no encaminhamento para os serviços competentes e na posterior intervenção pedagógica a realizar junto do seu aluno com dislexia.

Desta forma, para detectarem a dislexia, os professores necessitam de ser observadores atentos e de ter a noção como os seus alunos leem, escrevem e a forma como evoluem ou não. Se o professor suspeitar que a criança é disléxica deve realizar testes de leitura e escrita informais. Se após a conclusão dos testes o aluno ainda apresentar as dificuldades, o professor deve encaminhá-lo para uma avaliação.

Neste sentido, o professor tem um papel muito importante na detecção das dificuldades do seu aluno, pois está em contato diário com ele e encadeia todas as suas aprendizagens. Deste modo, o professor tem que estar atento às dificuldades manifestadas pela criança para poder ajudar a ultrapassar as dificuldades.

Um dos problemas indicados pelos próprios professores é que geralmente os professores do ensino fundamental I não têm a formação precisa para realizar o diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem, mas através da observação pode detectar as dificuldades que o aluno apresenta. Rodrigues e Silveira reafirmam e alertam para:

Devido à falta de formação do professor na graduação ele ainda não está preparado para detectar estes problemas. [...], por isso os professores devem-se especializar-se para que este aluno não sofra tanta discriminação na vida escolar, uma vez que este ainda não recebe um acompanhamento adequado para superar esta dificuldade (RODRIGUES; SILVEIRA, 2008, p.3).

Esta tarefa não é exclusiva do professor, cabe também aos pais e profissionais uma intervenção junto da criança. Um trabalho em conjunto entre todas as partes envolvidas no

processo ensino/aprendizagem é extremamente benéfico para o aluno. Um diagnóstico precoce da dislexia é uma mais-valia para a criança, uma vez que o educador pode desde o início perceber qual é realmente a perturbação manifestada pela criança e, assim atuar desde o começo do seu processo de ensino-aprendizagem. Uma vez diagnosticada a dislexia, o processo de ensino-aprendizagem deve ser alterado de acordo com as necessidades do aluno, no sentido de ajudá-lo a ultrapassar as dificuldades expressas, desta forma, tornar-se uma pessoa ativa e feliz no seu dia-a-dia.

### **2.6.2 Atitude dos professores face a alunos disléxicos**

São poucos os recursos existentes nas escolas, dificultando assim atuação por parte do professor. Sendo a escola, o contexto institucional onde se desenrola a ação educativa é também um ponto fundamental no domínio das dificuldades de aprendizagem, sobretudo a dislexia. A escola não está preparada para dar resposta, em face desta dificuldade. No entanto, é de destacar a existência dos apoios educativos. Por este motivo, é fundamental que o professor e a escola estejam preparados para uma deteção efetiva destas dificuldades, para possibilitar uma atuação eficaz, pois é a partir do domínio das competências da leitura e da escrita que se desenvolvem a maioria das aprendizagens posteriores. Como cita Libâneo (1994):

O professor não apenas transmite informações ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhe atenção e cuidar para que aprendem a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conteúdos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Na atualidade, algumas escolas já oferecem aos alunos um apoio individualizado e muitos alunos têm acesso a um professor do Ensino Especial ou já são encaminhados ao acompanhamento de psicopedagogo, mas na sua grande maioria não há este apoio.

Estes são alguns pontos que um professor com aluno disléxico devem evitar em sala de aula:

- Que o aluno leia em voz alta;
- Destacar as dificuldades do aluno, o que leva à sua diferenciação em relação à turma e à sua inibição;
- Corrigir o aluno diante dos colegas;
- Mostrar impaciência perante as dificuldades expressas pela criança;

- Ignorar, em certos momentos, as dificuldades das crianças;
- Forçar o aluno a realizar os trabalhos, quando anteriormente não o conseguiu fazer;
- Corrigir os trabalhos a caneta vermelha.

Os professores devem tentar minimizar o efeito rotulador do diagnóstico da dislexia, o qual pode danificar a autoestima da criança e diminuir as expectativas que esta tem em relação a si própria como as que o professor tem a respeito dela, daí que os docentes devem explicar às outras crianças o que é a dislexia, para que estes não discriminem os colegas com dislexia. Neste sentido, o ambiente escolar onde a criança está inserida é fundamental. Daí que a existência de ambiente educativo estruturado, previsível e ordenado, é importante, pois as crianças com dislexia reagem positivamente quando estão reunidas estas condições. Devem reconhecer que um ensino por objetivos, voltado para as competências e utilizando uma metodologia multissensorial, uma vez que os alunos aprendem melhor através do uso simultâneo e integrado das diferentes modalidades sensoriais (os olhos, os ouvidos, etc.), devem reconhecer a frustração sentida pela criança; devem reconhecer possíveis problemas de comportamento ou autoestima, pois se a criança não entender o que o professor está a dizer acaba por se distrair. Por estes motivos, os professores devem demonstrar simpatia, atenção e compreensão, construindo assim uma boa relação entre o professor e o aluno, que pode ser benéfica para a criança.

### **2.6.3 Contribuições do professor para superação da dislexia**

Segundo Ianhez e Nico (2002), a melhor maneira de ensinar uma criança disléxica é em uma sala de aula do ensino regular, pois ao estar junto com outras crianças, poderá aprender com facilidade. Porém, o professor é elemento fundamental para a compreensão da complexidade dos problemas e organizar o trabalho em sala é o elemento de integração, ajuda/orientação ao aluno disléxico para avançar e vencer suas dificuldades, e pode-se refletir ainda que:

Preferencialmente, o professor deve utilizar um programa de linguagem, bastante estruturado e fazer uso de todos os canais sensoriais: audição, visão, memória, tato etc., tanto na escrita quanto na leitura. Isso é normalmente chamado de ensino multissensorial. (IANHEZ E NICO, 2002, p. 88).

O professor deve estar atento às dificuldades enfrentadas por seu aluno e pelas particularidades que cada criança possui. Caso ele suspeite que algo não vai bem com seu aluno, o professor deverá encaminhá-lo ao psicopedagogo da escola, se por ventura a escola não o

possua, o professor deverá comunicar aos pais do aluno que há algo de errado e pedir que os mesmos procurem ajuda especializada para que juntamente com a escola busquem meios para que essa criança tenha êxito no processo educativo.

O psicopedagogo entra então em cena, como mediador e orientador dos pais e professores para que intervenham e participem de forma ativa e precisa no processo de alfabetização do aluno com dificuldade de aprendizagem. Cabe ao educador, ao gestor pedagógico, procurar com orientação psicopedagógica a natureza e as causas para tais dificuldades a fim de encaminhar a criança para que tenha o atendimento necessário para seu tipo de dificuldade, ajudando assim no seu desenvolvimento e superação de seus limites.

Segundo Silva e Vasconcelos 2008:

A tarefa primordial do professor é resgatar a autoconfiança do aluno e mostra-lo suas potencialidade e habilidades em outras áreas. Seu dever é mostrar ao aluno que ele tem uma dificuldade e conscientizá-lo que apesar disso, ele é capaz de se desenvolver e superar suas dificuldades.

O professor tem de preocupar-se principalmente com os seus alunos e com uma gestão equilibrada da sala de aula e menos com o cumprimento do programa. No entanto, isto não se verifica na realidade, pois no final de cada ano letivo o professor tem de ter cumprido o programa para o respetivo ano que lecionou. Este aspecto dificulta o trabalho diário do professor, devido à multiplicidade de alunos e tem de atender às dificuldades existentes na turma. Cada vez mais as turmas são maiores e o professor tem de ter em consideração as dificuldades individuais de cada dos seus alunos. De modo a criar as condições necessárias para que a aprendizagem se concretize, é fundamental um bom relacionamento entre o professor e o aluno, no qual deverá haver diálogo e interatividade. Para que isto ocorra, o professor também tem de ser simpático e sensível às dificuldades dos seus alunos.

O professor deve tentar criar uma sala de aula que funcione como uma equipe, sendo cada um dos seus membros necessários e importantes. Uma sala em que a comunidade é mais forte do que o indivíduo isolado, sendo este, no entanto único e especial. Os professores devem avaliar as qualidades e as competências individuais de cada criança, tendo consciência das suas necessidades.

Os professores enquanto orientadores devem encarar o processo de ensino como uma experiência contínua e estar conscientes do que as crianças estão a fazer, do que podem fazer e do que podem atingir se forem orientadas com sensibilidade. O professor deve estabelecer objetivos, pois é muito importante, uma vez que, ensina o aluno com dislexia a ser responsável

e mantém o professor informado dos seus progressos. Ao estabelecer os objetivos, a criança deve dizer como pretende atingir cada um deles. Podem-se estabelecer novos objetivos todos os períodos. Os objetivos a estabelecer podem ser pessoais ou académicos. Este sistema de objetivos visa orientar os alunos, no sentido destes desenvolverem a consciência do seu próprio processo de aprendizagem.

Desta forma, os alunos tornam-se mais ativos na sua aprendizagem, assumindo mais responsabilidade na mesma. A escola e o professor não podem atuar isoladamente, devem dividir responsabilidades com a família do aluno. A relação construída com os pais favorece o contato, a troca e uma educação/aprendizagem significativa. Esta articulação entre a escola e a vivência dos alunos é realmente necessária.

O que muitas vezes acaba dificultando a superação de tais dificuldades é o diagnóstico tardio, fazendo com que seu tratamento seja ainda mais difícil, pois muitas vezes, a criança já se evadiu da escola. O fato é que muitos educadores ainda não estão preparados para lidar com as dificuldades de aprendizagem, e muito menos, com a dislexia. Esse desconhecimento sobre o assunto acaba por prejudicar ainda mais o aluno e sua prática educativa, pois se ele não sabe como lidar com a criança disléxica, essa criança será um obstáculo que não conseguirá ultrapassá-lo.

### **3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

#### **3.1 Procedimentos Metodológicos**

Para a construção deste presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de adquirir informações sobre a dislexia: significado, sintomas, tipos, o papel da escola e do professor para enfrentar este distúrbio que tanto afeta pessoas em níveis escolares.

Segundo Marconi e Lakatos (1999), a pesquisa bibliográfica permite a compreensão acerca da resolução de um problema a ser obtida através dela, sendo, portanto, o primeiro passo para toda e qualquer trabalho científico.

A abordagem adotada foi do tipo qualitativo (LUDKE e ANDRÉ, 1986; TRIVIÑOS, 1987), visto que se procurou explorar os significados presentes nos dados obtidos, para além dos aspectos quantitativos.

Nesta direção, para a coleta de dados, optou-se por fazer uma pesquisa de campo, através de um questionário semiaberto, com dezesseis perguntas, sendo onze para assinalar (SIM ou NÃO), e cinco perguntas subjetivas; proposta aos professores para que analisassem de que maneira a dislexia é vista pelos mesmos. Este questionário foi aplicado a um grupo de 10 (dez) professores de 1º ao 5º ano do ensino fundamental dos turnos manhã e tarde na Escola Municipal Anita Trigueiro do Valle, que será descrita no próximo tópico.

De acordo com Ruiz (1991), a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de modificáveis relevantes para imediatas análises.

#### **3.2 A escola enquanto campo de ação da pesquisa**

A Escola Municipal Anita Trigueiro do Valle foi fundada em maio de 1984 (mil novecentos e oitenta e quatro), na gestão do prefeito Oswaldo Trigueiro do Valle e a escola recebeu este no em homenagem a sua mãe. É uma instituição Pública Municipal, mantida pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação Cultural, com recursos municipais e federais. A mesma está situada à Rua Emilio de Araújo Chaves, nº 118 Altiplano, João Pessoa PB.

O objetivo da escola é o de oferecer a comunidade o ensino gratuito, proporcionando Educação Infantil, Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série e o integrado no turno da noite, com

finalidades de suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não tiveram oportunidades de prosseguir seus estudos na idade apropriada.

Atualmente a mesma oferece a Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, o Programa Mais Educação e a EJA (ciclos I, II, III, e IV) e os alunos são, em sua maioria, crianças e adolescentes carentes residentes nas comunidades próximas como Cidade Recreio, Vila São Domingos, Barreira do Cabo Branco, Timbó, Boate da Caixa e o Altiplano.

Em sua estrutura física a escola apresenta atualmente 11 salas de aula, funcionando nos três turnos: Manhã, Tarde e Noite. A escola dispõe ainda de (01) biblioteca, (01) laboratório de informática, (01) sala de orientação pedagógica, (01) sala de atendimento psicológico, (01) sala de TV e vídeo, (01) secretaria, (01) sala da coordenação pedagógica, (01) diretoria, (01) quadra de esporte coberta, (01) cozinha, (01) refeitório, (03) almoxarifado, (02) depósito de material de limpeza, (01) dispensa, (09) banheiros para os alunos, (02) banheiros para alunos com necessidades especiais, (04) banheiros para os funcionários, (02) vestiários para alunos.

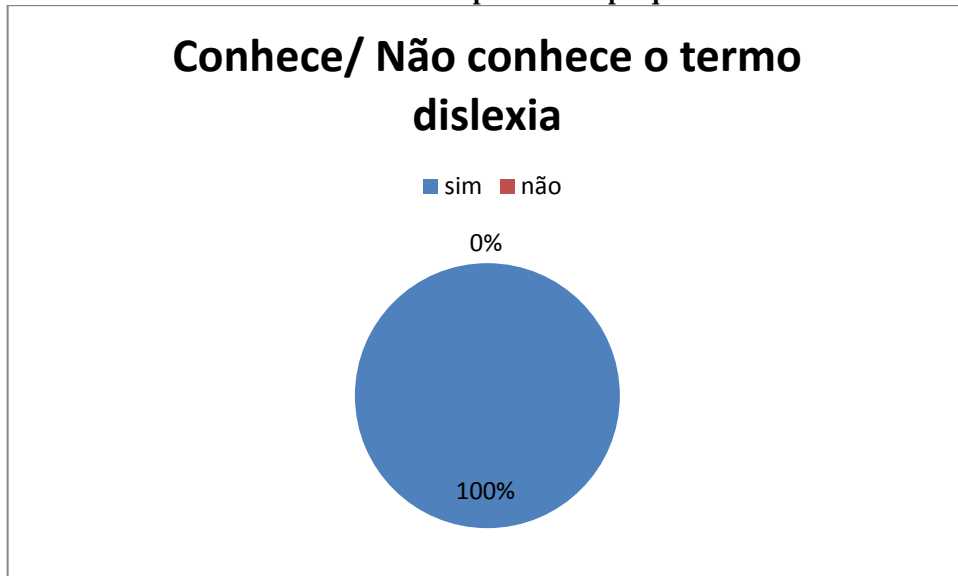
Até 2011, a escola recebeu recursos do PDE e atualmente recebe verbas do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) que é um recurso anual enviado pelo Governo Federal que tem como finalidade a compra de materiais didáticos, material de expediente, pequenas reformas ou para comprar aquilo que esteja faltando para a escola. O mesmo é decidido e administrado pelo Conselho Escolar e pela Direção da Escola.

### **3.3 Análises dos dados**

Através de dados coletados pelo questionário aplicado aos professores possibilita-se perceber a dimensão do conhecimento sobre este distúrbio linguístico por parte dos educadores, pois eles estão diretamente em contato com os alunos, possibilitando-lhes o conhecimento e aprendizagem educacional, percebendo assim se realmente esta dificuldade biológica é lidada da maneira adequada, fazendo uso dos recursos necessários para melhora do desenvolvimento de cada aluno.

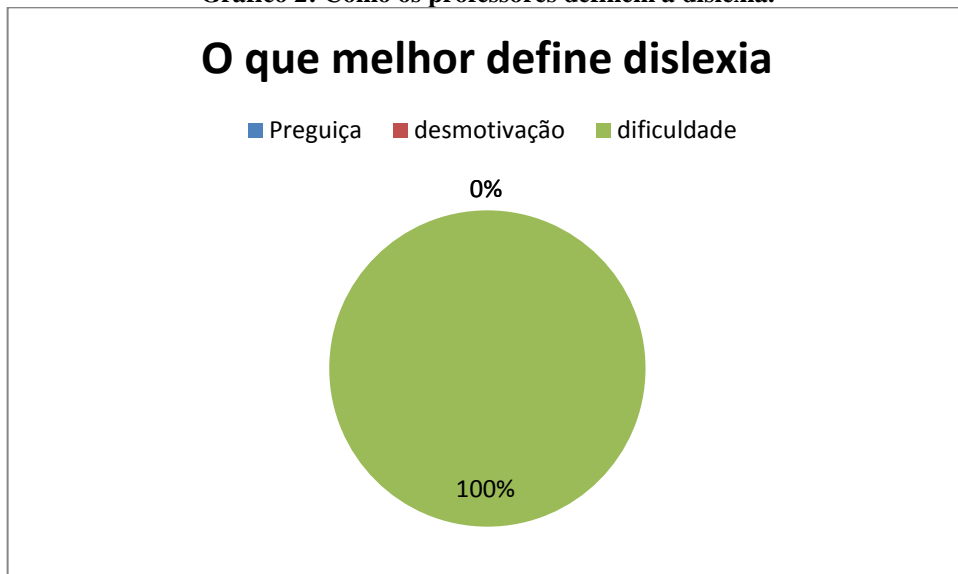
Para iniciar a pesquisa, procurou-se saber se os professores conhecem o termo dislexia. Na questão de número 1, 100% dos docentes responderam que sim, conhecem o termo dislexia (Cf. GRÁFICO 1). Resta saber se conhecer o termo é apenas “ouvir falar” ou se realmente sabem o seu significado, ou seja, suas causas e implicações. Todos os respondentes definiram a dislexia sendo fator de dificuldade (GRÁFICO 2) de acordo com a questão número (2).

**Gráfico 1: Nível de conhecimento dos professores pesquisados sobre a dislexia.**



Fonte: dados da pesquisa

**Gráfico 2: Como os professores definem a dislexia.**



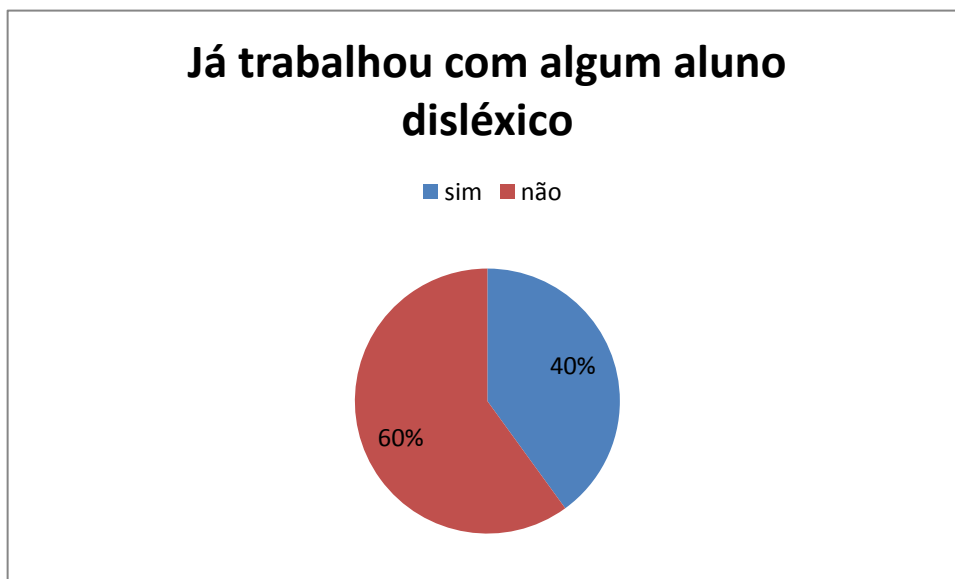
Fonte: dados da pesquisa

Através deste gráfico pode-se deduzir que se estes professores conhecem o termo e sabem que é uma dificuldade. Consequentemente tem o dever de se preocupar e procurar buscar conhecimentos sobre este assunto para estarem preparados quando se depararem com esta realidade em sala de aula, uma vez que dispositivos legais como a LDB 9.394/96 e a Lei n.º 12.524, de 2 de janeiro de 2007 amparam e possibilitam a educação diferenciada para alunos

que apresentam alguma dificuldade, seja ela auditiva, física, visual e tantas outras até mesmo linguísticas.

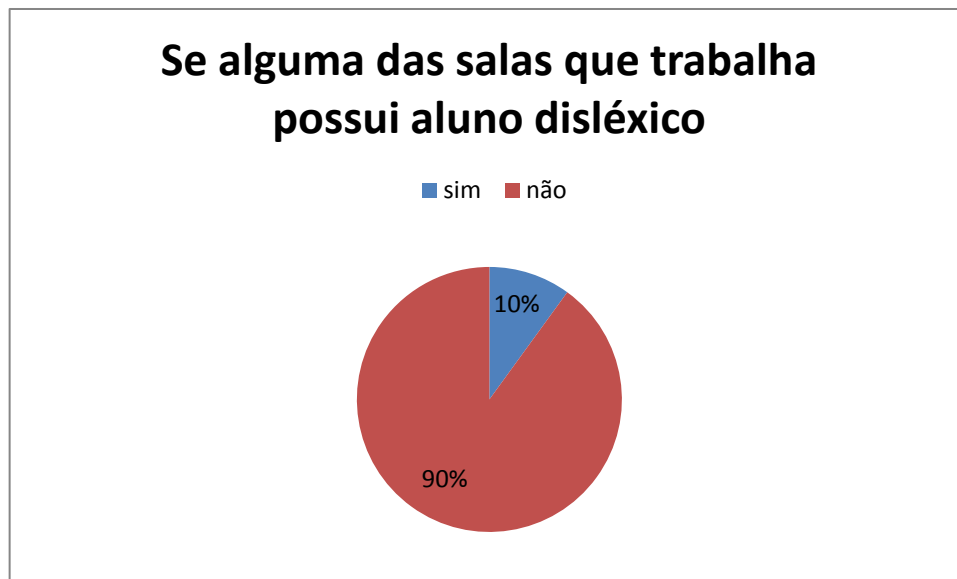
Na questão de número (3), entre os docentes entrevistados apenas 40% disseram já ter trabalhado com aluno dislexico (GRÁFICO 3). Porém, na questão (4) (GRÁFICO 4), quando responderam se atualmente trabalhavam com algum aluno dislexico, 90% responderam que não. Afirmando que têm alunos com dificuldades de aprendizado mais não possuem laudos afirmando que são disléticos. Sendo assim também 90% deixaram a questão subjetiva de número (5) em branco que fez a seguinte pergunta: “Se a resposta foi sim, como você as identificou?”. O único professor que respondeu, escreveu o seguinte: “identifiquei através da dificuldade nas palavras que fala”.

**Gráfico 3: Experiência dos professores com alunos dislético.**



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 4: Em alguma das salas que trabalha possui aluno disléxico?



Fonte: dados da pesquisa

Podemos observar que ocorre uma contradição, o aluno disléxico apresenta dificuldades na escrita e leitura e não na fala. O que nos faz pensar que esta ideia de dislexia é algo ainda a ser investigado por estes docentes, para que realmente se comprove o quanto estão cientes desta dificuldade/distúrbio linguístico e que demonstre interesse de se aprofundar e conhecer o porquê de tais dificuldades apresentadas por seus alunos e junto com seus responsáveis (pais) partir em busca de um diagnóstico preciso para o melhor acompanhamento e desenvolvimento de um trabalho satisfatório. Contudo, a questão subjetiva de número (6) questiona sobre que dificuldades específicas essas crianças com dislexia apresentam? Um docente respondeu: Com trocas de letras, e todo o restante deixou a questão em branco.

Este dado mostra ainda mais na gravidade do problema, pois se os professores não conseguem ter a real compreensão da dislexia, como poderão ajudar estas crianças que tanto precisam de sua orientação para alcançar seu aprendizado?

Para Frank (2003) não há estratégia mais importante do que acreditar na criança com dislexia e mostrar abertamente essa fé, desta maneira percebemos o quanto o incentivo e apoio do professor para com o disléxico é essencial para o seu aprendizado.

É fundamental que o professor detenha um conjunto de conhecimento acerca do ensino – aprendizagem da dislexia, que lhe permita utilizar estratégias mais adequadas para trabalhar junto destes alunos. Para isso, a formação dos professores neste domínio assume uma grande relevância. Infelizmente não é a realidade destes docentes como pode-se perceber no (GRÁFICO 5) que representa os resultados da questão (7).

Gráfico 5: Participação de cursos específicos sobre dislexia.



Fonte: dados da pesquisa

Analisando o gráfico, vê-se que só 10% já participaram de algum curso onde a dislexia foi tratada como assunto. Isto faz pensar que esta não é tratada da maneira que deveria, pois é um tipo de inclusão como qualquer outra. O aluno precisa se sentir aceito, incluso no ambiente que fará parte, e ao mesmo tempo os professores devem ser melhor preparados para enfrentar esta dificuldade linguística de forma correta, oferecendo-lhes materiais que facilitem sua aprendizagem.

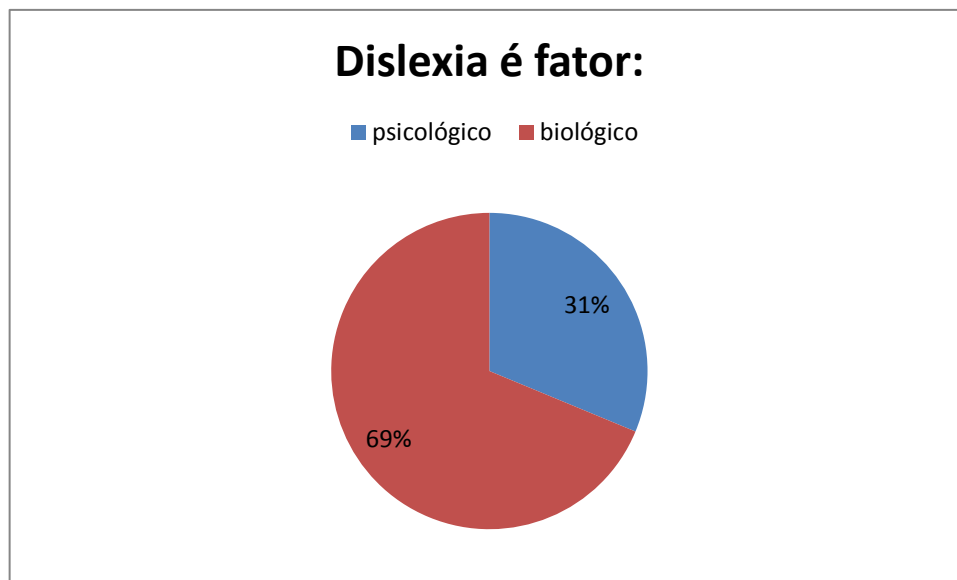
Pietro (2006, p. 51) nos diz que “os conhecimentos sobre o ensino de alunos com necessidades educativas especiais não podem ser de domínio apenas de alguns especialistas”. Para a autora, estes conhecimentos devem ser “apropriados pelo maior número possível de profissionais da educação, idealmente por todos” (ibidem, p. 51), essa afirmação constata a importância de adquirir informações a respeito das dificuldades educacionais existentes.

Talvez por falta de participação em cursos abordando a dislexia, é que ainda existem professores que ainda não sabem lidar com alunos que apresentam este distúrbio. Pudemos constatar isto ao observar o resultado das respostas à questão subjetiva 8, onde apenas 1 dos entrevistados respondeu a questão.

Ao analisar a resposta do professor percebemos a falta de entendimento sobre tal distúrbio e afirmando como é essencial uma formação voltada para a inclusão escolar voltada para o aluno disléxico. Por isso que ainda existam professores que pensam que esta é um fator

psicológico e não decorrente de uma má formação no caminho linguístico do cérebro, como observa-se nos resultados da questão (9) no gráfico (6):

**Gráfico 6: Dislexia: Psicológico ou Biológico?**

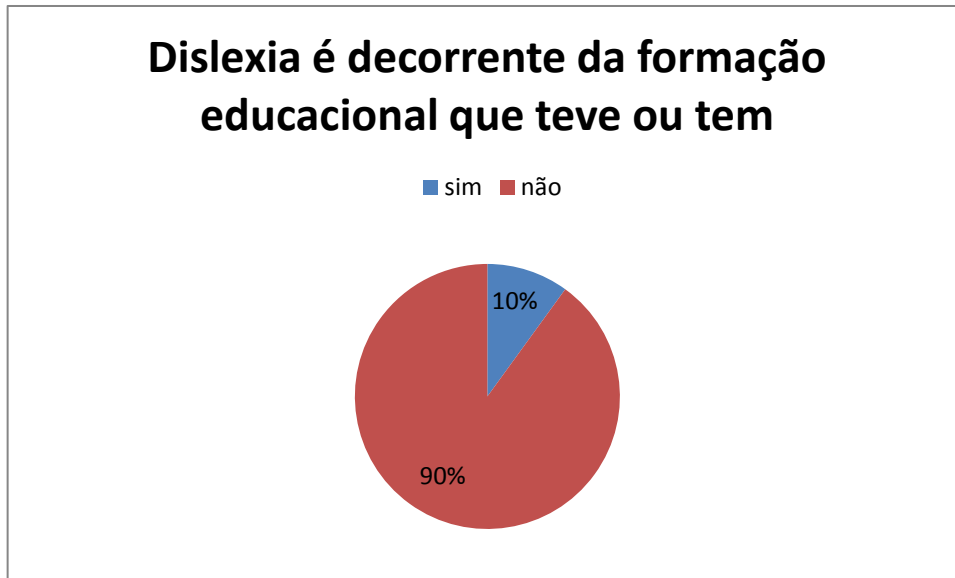


Fonte: dados da pesquisa

Vê-se que apenas 69% dos professores entrevistados têm conhecimento de que a dislexia é distúrbio de fator biológico e que 31% não sabem o verdadeiro motivo pelo qual este distúrbio linguístico acontece, acreditando, que é decorrente de fator psicológico, ou seja, emocional. Por muito destes docentes mal informados é que crianças disléxicas são consideradas preguiçosas e distraídas, sem interesse na disciplina e nos estudos, podendo assim não ser dado o apoio necessário para que a solução de seu “problema” seja vista com prioridade para prosseguir e progredir em seus estudos.

Quando se perguntou se a dislexia é decorrência da formação educacional que o aluno teve, questão 10, apenas 10% respondeu que sim como vemos no (GRÁFICO 7) a seguir.

Gráfico 7: Formação educacional



Fonte: dados da pesquisa

Portanto, 90% disseram que a dislexia não decorre de nenhum tipo de formação educacional, cientes de que é fator biológico que depende da estrutura neural de cada um, mas como já comentado anteriormente, se o professor não tiver interesse em ajudar os alunos, apenas taxando-os como desinteressados e continuar a ministrar aulas da mesma maneira, o distúrbio se torna não decorrente, mas dificultado pela formação educacional que teve ou tem.

Quando foi perguntado, na questão 11, que recursos estão sendo utilizados para desenvolver um aprendizado satisfatório para crianças que apresentam este distúrbio, um único docente respondeu, afirmando “trabalhar falando com a criança no espelho e corrigir quando fala”. Mais uma vez podemos notar a falta de preparo dos professores para lidar com alunos disléxicos.

Em grande parte das escolas em nossa sociedade, os recursos existentes são poucos, dificultando assim a atuação por parte do professor. Sendo a escola, o contexto institucional onde se desenrola a ação educativa é também um ponto fundamental no âmbito das dificuldades de aprendizagem, especificamente a dislexia. Percebe-se que esta escola em que foi feita esta pesquisa possui recursos materiais e estruturais para o trabalho de desenvolvimento do aprendizado para criança que apresenta este distúrbio. 100% dos docentes responderam sim a questão 12, como mostra o gráfico 8, e em seguida a questão (13) pede para escrever tais recursos que a escola disponibiliza como mostra a quadro abaixo.

Gráfico 8: Recursos materiais e estruturais presentes na escola



Fonte: dados da pesquisa

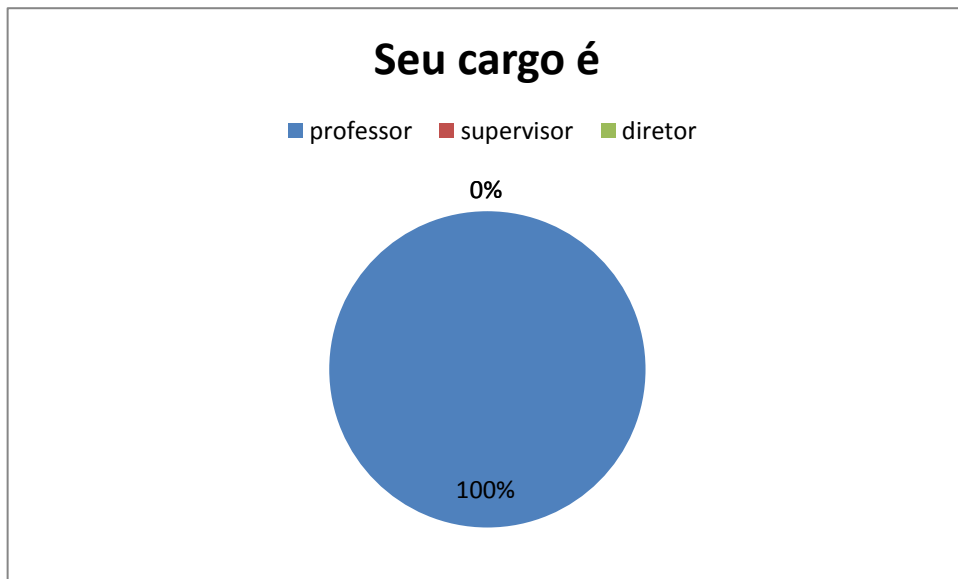
Tabela 01: respostas à questão 13

<b>Questão 13: Que recursos você está utilizando para desenvolver um aprendizado satisfatório com as crianças que apresentam este distúrbio?</b>
<b>Resposta do Professor:</b> Sala de recursos
<b>Resposta do Professor:</b> Sala de recursos com ótimas instalações e jogos lúdicos para auxiliar melhor esta criança.
<b>Resposta do Professor:</b> Sala de recursos com vários jogos
<b>Resposta do Professor:</b> Sala de recursos com a psicóloga, sala de vídeo, biblioteca infantil e psiquedagoga.

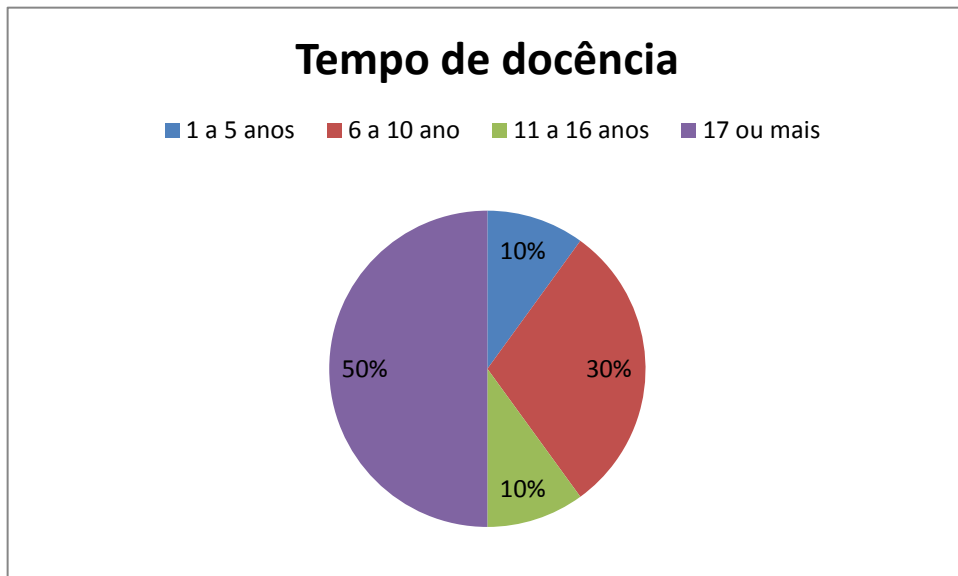
Fonte: dados da pesquisa

Percebe-se que a escola apresenta recursos como a sala multifuncional que é bastante utilizada para o trabalho com alunos com deficiência física e mental que a escola possui como pude presenciar tal trabalho. E seria ótimo se os professores junto com a equipe escolar não só trabalhassem com alunos com deficiências motoras mais com as deficiências da linguagem.

Este questionário foi aplicado entre professores com cargo, tempo de docência, categorias variadas, e para analisar a formação dos mesmos as questões (14, 15 e 16) estão representadas nos gráficos (9, 10 e 11):

**Gráfico 9: Seu cargo na escola.**

Fonte: dados da pesquisa

**Gráfico 10: Qual é o seu tempo de docência?**

Fonte: dados da pesquisa

**Gráfico 11: Em que categoria você se encaixa?**

Fonte: dados da pesquisa

Percebe-se que os professores entrevistados, no total dez, são do nível fundamental do 1º ao 5º ano e que 50% possui de 17 ou mais anos de profissão (GRÁFICO 10). São profissionais com um longo caminho já percorrido na docência, formadores de opiniões. Possuem pouco entendimento acerca da dislexia, o que é algo que pode trazer implicações negativas no trabalho com a leitura, escrita e compreensão dos alunos, potencializando assim as dificuldades dos alunos disléxicos por vários anos, se não forem identificadas a tempo de amenizá-las.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo para coleta de informações a respeito da dislexia, suas causas e implicações para o trabalho do professor e o aprendizado do aluno, com o propósito de investigar o entendimento por parte dos docentes acerca deste transtorno linguístico.

Diversos são os mecanismos que procuram melhorar e aprimorar o aprendizado dos disléxicos, identificando a dificuldade como um processo biológico e neurológico. Portanto, pode-se concluir que a dislexia é uma má formação no caminho da linguagem no cérebro. Porém esta dificuldade de aprendizagem não impede que estas sejam competentes no que dispõem a fazer.

Percebe-se através deste estudo, que a dislexia é um problema que pode ser minimizado por métodos pedagógicos, pois as pessoas que as possuem são inteligentes e com uma percepção incrível, capazes de se sentir realizadas em suas escolhas. O que faz a diferença para o disléxico é a forma pelo qual são orientados pelos professores. No entanto, vimos pelas respostas apresentadas no questionário aplicado aos professores que ainda prevalece um conhecimento pouco aprofundado acerca da questão, resultante provavelmente de uma formação que não contemplou a questão e da ausência de espaços e formas de capacitação para tal.

Neste sentido, faz-se necessário que os educadores sejam mais bem capacitados para lidar com as dificuldades de aprendizagem, já que o quanto antes for identificado melhor será trabalhada pelos docentes, pois assim se evita um sofrimento desnecessário por falta de informações ao longo do processo escolar. O aluno precisa de apoio, carinho e compreensão para ser bom, da maneira que sintam bem.

Conclui-se então a importância do estudo sobre dificuldades de aprendizagem e em especial a Dislexia, pois constantemente nos deparamos com tais dificuldades e não sabemos como lidar com elas para podermos ajudar nosso aluno. É dever do professor, família e papel da escola estabelecer condições e criar meios para ajudar o aluno a superar suas dificuldades na leitura e na escrita.

É dever de o Estado assegurar a toda criança o direito à educação. Mas isso não implica dizer que essa educação deva ser apenas para que a lei seja cumprida. Todo cidadão tem direito à educação de qualidade, de forma que todos usufruam dela de forma igualitária, e se algum

aluno tem qualquer dificuldade de aprendizagem, cabe a escola, a família e ao professor buscar meios para ajudar o aluno a superar tal dificuldade.

## 5 REFERÊNCIAS

ABD - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Saiba o que é a ABD** (08/03/2012). Disponível em: < <http://www.dislexia.org.br/2012/03/08/saiba-o-que-e-a-abd/> > Acessado em: 05.05.2014.

\_\_\_\_\_. **Dislexia: Histórico e definição** (13/06/2012). Disponível em: < <http://www.dislexia.org.br/2012/06/13/dislexia-historico-e-definicao/> > Acessado em: 05.05.2014.

\_\_\_\_\_. **Como interagir com disléxico em sala de aula** (17/04/2014). Disponível em: < <http://www.dislexia.org.br/2014/04/17/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/> > Acessado em: 05.05.2014.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais**. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

CASTRO, São Luís. GOMES, Inês. **Dificuldade de aprendizagem na língua Materna**. Universidade aberta, 2000.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia**. Editora: Rocco, 2004

FRANK, Robert. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books, 2003.

IANHES, Maria Eugenia e NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

KAPPES, Dany; FRANZEN; Gelson; TEIXEIRA, Glades; GUIMARÃES, Vanessa. **Dilexia**. In: **Psicopedagogia Online**, 2006. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=888>> Acesso em: 06/05/2014.

LIBÂNEO, J.C. **Os Métodos de Ensino e o processo de Ensino na Escola**. In: Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

PRIETO, Rosângela Gavioli Prieto. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil**. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Inclusão escolar. Pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. p. 31-73.

RODRIGUES, Maria Zita; SILVEIRA, Leila. **Dislexia: Distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no Ensino Fundamental**. 24 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos55511dislexia-disturbio-de-aprendizagem-da-leitura-e-escrita-no-ensino-fundamentalpagina1.html>> Acesso em: 29 .06. 2014.

Sete sinais de que o seu filho pode ter dislexia. In: **Veja**. Seção Saúde. 11/11/2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/sete-sinais-de-que-o-seu-filho-pode-ter-dislexia>> Acesso em 06/06/2014

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TORQUATO, Rosiane de Magalhães. **Dislexia: superação e suas implicações no ambiente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicopedagogia). Universidade Cândido Mendes: Rio de Janeiro, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VARELLA, Dráuzio. Dislexia. Disponível em: [www.drauziovarella.com.br/entrevista/dislexia](http://www.drauziovarella.com.br/entrevista/dislexia) Acesso em: 20.05. 2014.

# Apêndice

## QUESTIONÁRIO

1. Você conhece o termo dislexia?

( ) sim ( ) não

2. Em sua opinião qual alternativa define melhor a dislexia?

( )preguiça ( )desmotivação ( )dificuldade

3. Em sua carreira acadêmica você já trabalhou com algum aluno disléxico?

( )sim ( ) não

4. Atualmente você possui algum aluno disléxico?

( ) sim ( ) não ( ) quantos

5. Se a resposta foi sim. Como você as identificou?

---

---

---

6. Que dificuldades específicas essas crianças apresentam?

---

---

---

7. Você já participou de algum curso sobre inclusão escolar voltado para o aluno disléxico?

( ) sim ( ) não

8. Como você lida com alunos que apresentam este distúrbio?

---

---

---

9. Em sua opinião a dislexia é fator:

( ) psicológico ( ) biológico

10. Você acredita que a dislexia é causada decorrente da formação educacional que o aluno teve ou tem?

sim  não

11. Que recursos você está utilizando para desenvolver um aprendizado satisfatório com as crianças que apresentam este distúrbio?

---

---

---

12. A escola disponibiliza de recursos materiais e estruturais para seu trabalho de desenvolvimento de um aprendizado satisfatório para as crianças que apresentam este distúrbio?

sim  não

13. Escreva alguns destes recursos que escola disponibiliza.

---

---

---

14. Seu cargo é de:

professor  supervisor  diretor

15. Qual é seu tempo de docência?

1 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 16 anos

17 ou mais

16. Em qual categoria você se encaixa?

magistério nível médio

pedagogo

especialista

mestrado

doutorado